



ESPINOSA, Baruch de. **Breve Tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar.** Trad. de E. Fragoso e L. Oliva. São Paulo: Autêntica, 2011. 175p.

Lindomar Rocha Mota \*

Traduzida recentemente por Emanuel Fragoso e Luís Oliva, o *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar* é uma obra singular para os estudiosos da filosofia espinosista.

O texto precede a *Ética*, a obra máxima de Espinosa. Em forma de rascunho dos temas que seriam posteriormente aprofundados, o *Breve tratado* aponta, entretanto, para direções menos coesas e determinadas como sucederá mais tarde na forma geométrica herdada da filosofia cartesiana e implantada a partir da *Ética* - demonstrada à maneira dos geômetras.

O texto brasileiro, publicado pela editora Autêntica, traz o prefácio da Professora Marilena Chaui e uma introdução estendida de Emanuel Fragoso e Ericka Itokazu. Algo bastante singular nas edições nacionais.

O prefácio é superficial e quase que completamente absorvido pelas apreciações da introdução, o que o torna bastante desinteressante; assim, é

---

Resenha recebida em 04 de agosto de 2014 e aprovada em 15 de setembro de 2014.

\* Doutor em Filosofia moderna. Professor do PPGCR, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e na FAC. País de origem: Brasil. E-mail: lrocht@yahoo.com.br.

aconselhável iniciar a leitura com a introdução, onde se verá um histórico bastante esclarecedor do *Breve tratado* em relação aos demais textos de Espinosa.

A análise da introdução traça o caminho do manuscrito e o coloca no quadro das dificuldades enfrentadas pela filosofia de Espinosa, em parte, graças aos seus conflitos pessoais. No primeiro momento explica a descoberta do *Breve tratado*, até então desconhecido do público e dos estudiosos do autor. Depois passa a relatar as dúvidas que surgiram sobre o texto, e como ele passou por muitas análises e longos debates até ser reconhecido como obra autêntica de Espinosa.

A introdução conclui-se de maneira didática e apresenta as principais edições da obra pelo mundo, remete às fontes que auxiliaram na tradução e às edições originais, um trabalho de insuperável relevo científico.

As notas e comentários, por outro lado, que seriam de grande ajuda para a leitura de um texto dessa envergadura, são inexistentes. O que merece uma reprovação, mas não apenas a este excelente trabalho, e sim ao estilo editorial brasileiro em geral.

Com temas semelhantes aos que serão desenvolvidos e ajustados na *Ética*, o *Breve tratado* lhes confere uma abertura maior para o seu desenvolvimento. Muito embora a orientação permaneça igual, sente-se aqui uma aproximação maior de Espinosa com a teologia clássica, revelada, sobretudo, na configuração linguística com o ambiente acadêmico, algo que será totalmente superado no método geométrico futuro.

Entretanto, o fio condutor é o mesmo. Espinosa está interessado na identidade do intelecto humano como Deus e como este, sem liberdade ou personalidade analógica conosco, acaba fundando radicalmente a nossa própria liberdade.

Os temas da perfeição e da imperfeição, que diferem quando aplicados a Deus e ao intelecto finito do homem, já estão presentes em toda a sua extensão, mas ainda carentes daquela unidade fundamental que será apresentada futuramente na *Ética*.

Especial atenção merece o capítulo XIV traduzido como *pesar*, mas que poderia significar melancolia, e, talvez ainda mais, amargura. Nas palavras do próprio Espinosa: “certa espécie de tristeza que deve ser evitada” (p. 117). Entretanto, continua Espinosa, ela é uma paixão e nós não podemos, nem mesmo através do intelecto, nos livrar dela. Então, resta a possibilidade de bem orientá-la. Nesse caso, quem determinará a sua natureza boa ou má será o objeto para o qual ela se dirige.

Objetos equivocados e finitos produzirão o desamparo e a dor. O amor a objetos infinitos, por outro lado, tende a levar sempre mais longe e apaziguar o próprio intelecto, de onde deriva que apenas Deus é digno de nosso amor. Pois, como ele explica: “o fundamento de todo bem e de todo mal é o amor que recai sobre certos objetos” (p. 118). Amar objetos perecíveis produzirá um efeito negativo no ânimo, que estará constantemente submetido por sua corrupção, produzindo tristeza, desonra e ódio - implicação necessária “quando não se ama o objeto que, como dissemos antes, é o único digno de ser amado - quero dizer - Deus” (p. 118).

Essa é uma saída semelhante ao *Eros* platônico, através do qual trocamos o mundo sensível por amor à unidade e ao Bem.

De qualquer modo, Espinosa parece conceber no *Breve tratado* a possibilidade de o intelecto amargurado buscar um Bem maior fora de sua finitude, deixando uma abertura para a “transcendência”, o que será paulatinamente corrigido na *Ética*.

A tradução apresenta também o *apêndice* à demonstração geométrica, tradicionalmente unida ao *Breve tratado* e dele retoma a tratativa da primeira

parte: *Deus e da alma* a partir do argumento antropológico. Este apêndice, seguramente de uma época mais tardia, não traz nenhuma novidade quanto ao conteúdo dos temas já expostos em precedência. Entretanto, ele adequa a pesquisa ao método geométrico cartesiano, o que o coloca em relação aos escritos posteriores ao *Tratado da correção do intelecto* e do primeiro livro da *Ética*.

O texto em português é muito bem-vindo ao debate acadêmico. É essência para quem deseja entender a evolução do pensamento de Espinosa e a adequação de seus textos ao modo geométrico.